

## Povos Indígenas no Brasil

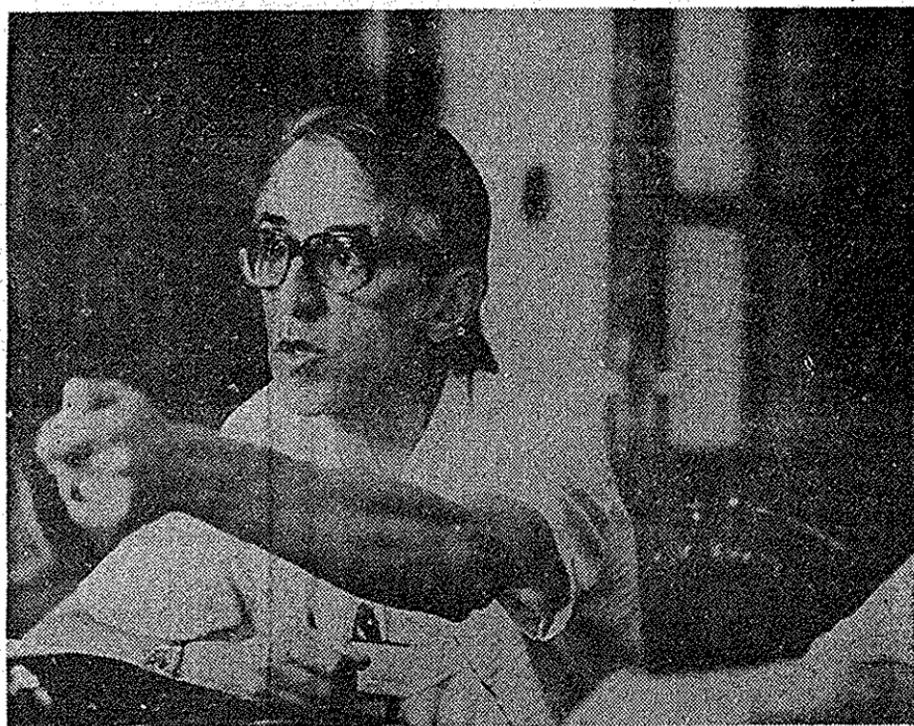
Fonte O São Paulo Class.: 386

Data 5.2.11 de setembro de 1980 Pg.: \_\_\_\_\_

# D. Pedro Casaldáliga: "o brasileiro deveria aprender muito com os índios"

*O bispo de São Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga, quando passava por Manaus, com destino a Roraima, no dia 27 de julho último, concedeu esta entrevista ao Porantim (n.º 21, agosto de 1980).*

*Ele falou sobre o movimento negro, e a Missa dos Quilombos que está elaborando com Milton Nascimento e Pedro Terra; discorreu sobre o significado da visita do Papa e condenou os inimigos dos povos indígenas que estão atacando o CIMI. Para ele, "se o Brasil fosse bastante brasileiro, aprenderia com os índios a defender o próprio território nacional do Brasil, tragicamente grilado pelas multinacionais".*



O sr. está elaborando a Missa dos Quilombos; como o sr. vê o Movimento Negro no Brasil?

— Mais do que falarmos sobre o Movimento do Negro, que não sou especialista, poderia falar de um projeto concreto: a Missa dos Quilombos que, com Milton Nascimento e Pedro Terra, estamos preparando. A respeito do movimento negro de um modo geral, posso dizer que considero urgentíssimo, olho com apaixonada simpatia o que é um movimento profético em certos aspectos. Talvez não suficientemente coeso em alguns setores; talvez um pouco imediatista em sua radicalidade. Penso, entretanto, que é uma força que vai se impor.

O negro deve ser reconhecido no Brasil como uma certa maioria sumamente significativa, massacrada durante séculos e cujo direito à identidade é indispensável reconhecer. Eu estou feliz em ver que a própria Igreja, mesmo num setor mínimo, está acordando também para esse particular. A um Movimento Negro tipicamente pastoral, está se agrupando e está avaliando a caminhada da Igreja com muita sinceridade e "mea culpa" e penso que vai ser uma contribuição especialmente eclesial-evangélica, essa grande causa do negro.

Não é novidade reconhecer que, se o índio foi sumamente massacrado pelos impérios invasores nesta América Latina, com a convivência ou inconsciência da própria Igreja, o negro foi mais massacrado ainda e a tal civilização ocidental cristã e a própria Igreja penso que

tem uma dívida ainda maior para com o negro do que para com o próprio índio, tudo que seja pagar essa dívida é um serviço autenticamente humano e evangélico.

O sr. poderia nos apresentar um rápido balanço sobre a visita do Papa ao Brasil?

— Olha, o balanço final é bom. O Papa... gestos que fez e os gestos que não fez e em várias referências claras e diretas, apoio à CNBB, de um modo muito explícito num encontro privativo com os bispos, e apoiou pelo que a CNBB tem de pobre, de devotada ao povo, de metida na causa da nossa gente, como o Papa textualmente disse. O Papa, ao longo de toda a sua viagem, insistiu na justiça social aos pobres. Referiu-se diretamente, dos pobres concretos, com rosto que diria Puebla, os favelados, os operários, os retirantes, os lavradores, os índios.

— Eu penso, em todo caso, que ninguém poderá dizer que o Papa condenou direta ou indiretamente a Igreja comprometida com o povo deste País. Estamos em Manaus e devo dizer com imensa gratidão a Deus e aos Povos indígenas que foi o índio que disse para o Papa a palavra mais clara, mais forte e mais comprometedora. O encontro do Papa com os índios, aqui em Manaus, foi para mim o ponto alto da visita do Papa ao Brasil. Pela boca dos caciques, falou de um modo impressionante todo o povo brasileiro e falavam mais especificamente os vários povos deste continente que é o Brasil.

Existem pessoas, entre as quais um

vereador de Manaus, que duvidam dos documentos dos índios. O que o sr. acha disso?

— Quem duvida do documento dos índios está negando ao índio sua condição de gente, sua condição de adulto e gostaria de ver o índio sempre na tutela, na periferia das cidades ou nas estradas pedindo esmolas. As 14 assembleias dos chefes indígenas são documentos suficientes e internacionalmente reconhecidos, da apaixonada força com que os índios reconhecem sua situação e retomam o seu destino. Uma palavra do Papa que todos indigenistas devemos recolher e os adversários dos índios não podem ignorar: os índios são Povo, os índios são Nação, uma outra nação. E essa identidade e essa alteridade fazem com que os índios tenham direito a tais ou quais terras de tamanho realmente necessários, fazem com que os índios Yanomani tenham realmente o necessário, tenham direito ao Parque total sem grilagem e muito menos ainda sem grilagens multinacionais.

— Se o Brasil fosse bastante brasileiro, teria sensibilidade suficiente para ajudar os índios a defenderem os seus respectivos territórios e aprender deles a defender o próprio território nacional do Brasil, tragicamente grilado pelas multinacionais.

Os velhos e, sobretudo, os novos inimigos dos povos indígenas, estão acusando o CIMI de estar a serviço das multinacionais...

— O CIMI está a serviço desses estrangeiros que são os próprios povos in-

dígenas, está a serviço da multinacional do Reino de Deus que não coincide em nada com os interesses das outras multinacionais; está a serviço desta Utopia humana e Evangélica que é a Causa do índio; essa acusação, ou é leviana, ou é interesseira e podem responder muito bem os próprios índios e o sangue de martírio que o CIMI já derramou muito em favor desta causa.

Uma pergunta um tanto provocativa: o sr. não acha que está se dando muita ênfase ao martírio? Se esta gente estivesse viva, lutando com os povos indígenas, não seria mais importante?

— Eu acho que não seria eu a definir se chega ou não chega de martírio, para ver: Jesus previamente com sua palavra e com sua vida nos disse que "o grão de trigo só é fecundo se morre", e "que o discípulo não pode ser maior que o Mestre", e que "é preciso carregar a cruz". Todo o ministério da redenção é Pascal, não há redenção sem sangue. Espero que haja muito sangue neste País, nesta América Latina, no mundo, para a libertação dos filhos de Deus.

— Para que se complete o que falta da Páscoa de Jesus, o importante é que esse sangue seja derramado generosamente e que nós, os cristãos, e quantos comungam com a causa do povo, dos pobres, com a causa dos povos indígenas, concretamente, também aproveitem do máximo o valor fecundo, o testemunho inegável do sangue derramado em martírio. Tenho a plena esperança de que esse martírio anônimo será altamente fecundo para a libertação plena da América Latina.